AS ANARQUITETURAS UTÓPICAS DO OBJETO A

BREVES ANOTAÇÕES SOBRE RAUL ANTELO

Edson Luiz André de Sousa
UFRGS

RESUMO: Este texto percorre alguns escritos de Raul Antelo onde ele desenvolve uma reflexão sobre o conceito de *objeto a* desenvolvido pelo psicanalista francês Jacques Lacan. Lacan vai pensar o objeto a como abrindo um fora de lugar na estrutura, portanto, um não lugar, uma espécie de farol que interpela o sujeito. É por esta razão que o *objeto a* abre espaço para pensarmos o tema das utopias. O *objeto a* é a grande invenção lacaniana e Raul Antelo potencializa este pensamento mostrando algumas articulações possíveis no dialogo entre a psicanalise e a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto a; Utopia; Psicanálise; Jacques Lacan.

THE UTOPIC ANARCHITECTURES FROM THE OBJECT A

BRIEF NOTES ON RAUL ANTELO

ABSTRACT: This text goes through some writings of Raul Antelo where he develops a reflection on the concept of object a developed by the French psychoanalyst Jacques Lacan. Lacan will think of the object a as opening an out of place in the structure, therefore, a non-place, a kind of beacon that challenges the subject. It is for this reason that the object a opens space for us to think about the theme of utopias. The object a is the great Lacanian invention and Raul Antelo potentiates this thought by showing some possible articulations in the dialogue between psychoanalysis and literature.

KEYWORDS: Object a; Utopia; Psychoanalysis; Jacques Lacan.

Edson Luiz André de Sousa é doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Université de Paris VII - Université Denis Diderot e professor no Departamento de Psicanálise e Psicopatologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AS ANARQUITETURAS UTÓPICAS DO OBJETO A
BREVES ANOTAÇÕES SOBRE RAUL ANTELO[1]

Edson Luiz André de Sousa

> Muitas vezes, mais vale não compreender para pensar, e é possível percorrer léguas compreendendo sem que disso resulte o menor pensamento.[2]

O trabalho de Jailton Moreira, *A forma perfeita*, que acabamos de ver dialoga de forma muito estreita com algumas "démarches" que pude perceber nos textos de Raul Antelo que vou brevemente comentar aqui. Seu estilo de circunscrever um problema vai descascando a linguagem, ponto a ponto, detalhe a detalhe, buscando conexões inusitadas, abrindo frestas de pensamentos em ângulos estranhos e nos surpreendendo aqui e ali com procedimentos que vão mais na direção de uma dissolução da imagem do que afirmar posições de semblantes, que como sabemos a partir da psicanálise, são sempre imaginárias. No procedimento de Jailton Moreira vemos que a forma é o procedimento e o dito ponto ideal de chegada do objeto apenas a causa do que move o ato de construí-lo. Podemos encontrar a nomeação deste procedimento em algo que Antelo evoca no seu texto "Subjetividade, extimidade": "Assinalar a borda do semblante que circunscreve o núcleo do gozo." Ou seja, diz Antelo, "[...] trata-se de uma leitura que não nega o semblante, mas que o recupera a fim de que o sujeito capte, seu gozo, fora de sentido ou, em outras palavras, para que meça o verdadeiro com o real."[3]

O Real que alude aqui diz respeito a sua leitura da psicanálise lacaniana, ou seja, o real como aquilo que escapa e que é da ordem do incomensurável. Comentarei alguns escritos de R. Antelo onde busca no conceito de objeto a, proposto por Lacan, uma lógica da relação entre sujeito e objeto. Objeto a parece funcionar, portanto como uma ferramenta de seu método de investigação. Como ele diz em uma entrevista na revista *Palíndromo*: "Acho que boa parte dos conceitos que uso, esse ou algum outro que tomo da psicanálise,

[1] Apresentado no seminário Raul Antelo - Ficção Crítica, Arquivos, Arqueologias do Rio, em 30 out. 2014.
[2] Cf. LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003
[3] ANTELO, Raul. Subjetividade, Extimidade. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 9, n. 14, p. 54-55, 2009.

da filosofia ou de alguma outra área são como peças que retiro das caixas de ferramenta, dispositivos dos quais eu me valho para alavancar uma dicção."[4]

Sua dicção vai buscar no detalhe, no objeto que aparentemente destoa, que não faz parte da série, seguindo, portanto o princípio da definição de objeto a como aquele que serve a desclassificar, e a surpreender o leitor e colocá-lo ao avesso. O fragmento de Walter Benjamin que abre seu texto "O inconsciente ótico do modernismo", no livro *Potências da imagem* mostra com precisão o que faz Antelo, por exemplo, no seu livro "Maria com Marcel" Duchamp nos trópicos" onde um fragmento de correspondência, o detalhe de um trabalho, uma anotação perdida por exemplo, pode abrir outras possibilidades de leituras e associações. Reproduzo esta bela passagem que funciona como uma carta de apresentação do procedimento que descrevi acima:

> Quando as publicações de vanguarda, "Bifur"ou "Variété", mostram unicamente detalhes, sob títulos como "Westminster", "Lille", "Antuérpia" ou "Boslau", representando ora um fragmento de balaustrada, ora a copa desfolhada de um árvore cujos galhos se entrecruzam de múltiplas maneiras sobre um poste de gás, ora um muro ou um candelabro com uma boia de salvação na qual figura o nome da cidade, elas se limitam a levar ao extremo motivos descoberto por Atget. Ele buscava as coisas perdidas e transviadas, e, por isso, tais imagens se voltam contra a ressonância exótica, majestosa, romântica, dos nomes da cidade; elas sugam a aura da realidade como uma bomba suga a água de um navio que afunda.[5]

Assim é seu olhar oblíquo, que busca ocupar territórios ainda não visitados o que me faz lembrar o trabalho de Gordon Matta-Clark que tinha como principio motor do seu trabalho "encontrar o corte certo entre a estrutura e o colapso." Matta-Clark cria, portanto, incisões metamórficas no espaço que poderiam ser lidas como escritas no corpo da cidade, revelando assim excessos, abandonos, violências e contaminações. Propõe o conceito de *anarquitetura,* uma estratégia de revelar os vazios das estruturas. Seus cortes são, portanto, atos clínicos e interpretativos em um lógica de desfazer a forma para que uma outra estrutura possa ali advir.

De todo corte sobram restos e foi pensando nisto que Matta-Clark empreendeu uma performance inusitada comprando restos de cidade, mostrando que a conhecemos mais quando buscamos suas histórias de naufrágio. Com a reconstrução de vários bairros em Nova York sobravam eventualmente

[4] Idem, Um intelectual de extimidades. Entrevista. *Palíndromo: Teoria e História da Arte*, n. 3, p. 257-283, 2010.
[5] Cf. ANTELO, Raul. *Potência da imagem*. Chapecó: Argos, 2004.

minúsculas faixas de terreno que foram colocadas a venda por preços simbólicos. Matta-Clark comprou quinze pequenos lotes e que tinham uma função que poderíamos nomear como abstinência da ocupação. "Quando comprei aquelas propriedades a descrição delas que mais me emocionava era "inacessível". O que queria fazer basicamente era designar espaços que não seriam vistos e desde logo não ocupados.[6] Algumas destas pequenas faixas de terreno chegavam a ter uma largura de 30 cm. Temos ai uma bela imagem de algo que propõe uma pausa na voracidade das formas. A voracidade surge como uma fuligem que turva a visão dos interstícios onde poderíamos recuperar lugares desconhecidos do sujeito.

Estes pedaços de real, excluídos no interior, é exatamente o que Lacan vai nomear como extimidade e que Antelo recupera em muitos momentos de sua reflexão. Diz ele: "Preferi pensar o extimo justamente como aquilo que, de tão íntimo, se torna irreconhecível, retorna como real, objeto estranho que deve ser recusado, guardando a ideia do outro como uma espécie de informe que nos ameaça e nos confronta." Para Raul Antelo, "[...] a extimidade permite resgatar a ideia de alteridade na mais intima, solitária e silenciosa das experiências pessoais."[7]

Raul Antelo surpreende seus leitores como um bom esgrimista que sabe deixar que o golpe do adversário encontre seu espaço vazio e assim permitindo que este mesmo golpe possa voltar a se indagar sobre seu ponto de origem. Aliás é mais ou menos este o desenho que Freud e depois Lacan vão pensar em relação a transferência, na medida em que ao não responder a demanda do paciente permite que este possa saber um pouco mais sobre o desejo que lhe move. Do pouco que conheço de seu trabalho fui surpreendido pelo seu método tão instigante de cercar uma questão a partir do pequeno detalhe, abrindo sempre frestas, fendas, buracos em sistemas de pensamentos por vezes compactados, estruturados, repetitivos. Frestas que mostram novos desenhos de espaço como as anarquiteturas de Matta-Clark deixando entrar novos espaços de luz (*splitting*). Vou dialogar brevemente com alguns apontamentos que Raul Antelo propõe em alguns textos em um diálogo que ensaia com a psicanálise e sobretudo em torno do conceito de objeto a proposto por Jacques Lacan. Os textos de Antelo que trarei para a conversa são "Os objetos da sublimação" (publicado no livro *Literatura e sociedade* (USP,

[6] Cf. MATTA-CLARK, Gordon. Gordon Matta-Clark. In: MOURE, Gloria (Ed.). Catálogo de la exposición. Madrid: MNCARS, 2006, p. 166.
[7] ANTELO, Raul. Um intelectual de extimidades, op. cit.

2008), "O inconsciente ótico do modernismo" em seu *Potências da imagem*, e *A coleção, o objeto e o estado gel do intercâmbio*.

Vejamos alguns breves apontamentos da proposta de Lacan em relação ao objeto a.

Nosso ponto de partida é a surpreendente afirmação de Lacan no seminário XVI *De um Outro a outro* quando diz "o objeto a, é a estrutura".[8] Com esta proposição somos imediatamente convocados a pensar um estilo de estrutura na psicanálise que possa acolher a potência do informe que o objeto a coloca em cena. Não se trata de uma estrutura com sistemas rígidos mas de um dispositivo que dê conta da perturbação que o conceito de *objeto a* injeta em um sistema de pensamento. Provocativamente, Lacan vai propor o objeto a como abrindo um fora de lugar na estrutura, portanto, um não lugar, uma espécie de farol que interpela o sujeito. É por esta razão que, no meu entender, o objeto a abre espaço para pensarmos o tema das utopias. O objeto a é a grande invenção lacaniana. Aliás, esta é sua única invenção, conforme ele mesmo diz em determinado momento de sua obra.

Lacan, faz sua primeira elaboração e desenho mais efetivo do *objeto a* no seminário da angustia. Apresenta neste seminário inúmeras teses das quais vou destacar algumas, iniciando assim um diálogo com as reflexões de Raul Antelo e o tema das utopias.

1. Diz neste seminário que os *objetos a* são situados de um lado, como um ponto de alteridade no Outro, ou seja, são construídos a partir do simbólico, mas não são significantes. São objetos não especularizáveis que faltam à imagem. Lacan insiste nesta falta de imagem, nesta invisibilidade em vários momentos. Diz, que o objeto a, suporte do desejo no fantasma, não é visível naquilo que o constitui. Aponta também que não há imagem da falta.[9] Ora, é exatamente este o argumento de Fredric Jameson, grande pensador das utopias contemporâneas, ao ressaltar que a função da utopia é paradoxalmente seu fracasso. Ou seja, vale por aquilo que nos aponta do nosso em falta com a imaginação. Sua função seria justamente de apontar o que fica interrompido na construção de uma imagem. Vejamos o que diz em seu clássico "As sementes do tempo".

"O que nós não somos capazes de desejar ou de trazer para a figuração narrativa do sonho ou da fantasia utópica é muito mais significativo e sin-

[8] LACAN, Jacques. *D'um Autre à l'autre*. Paris: Seuil, 2006, p. 375.
[9] Idem, *Le séminaire, livre X: L'angoisse*. Paris: Seuil, 2004.

tomático do que os três desejos existentes de fato."[10] Então, podemos concluir que o discurso utópico não tem por função uma enunciação do desejo. Acrescenta ele:

> [...] a vocação da utopia é o fracasso, o seu valor epistemológico está nas paredes que ela nos permite perceber em torno de nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar por mera indução, no atoleiro das nossas imaginações no modo de produção. Concluímos, portanto, que a utopia mostra aquilo que não podemos imaginar. Só que não o faz pela imaginação concreta, mas sim por meio dos buracos no texto.[11]

Antelo retorna em muitos momentos a esta ideia de buraco no texto evidenciando em primeiro lugar que o que transmitimos fundamentalmente é uma falta. Este procedimento fica muito claro quando, por exemplo, pensa a potência do testemunho em seu desafio de transmissão.

> O horizonte do testemunho nunca é o da completude do uno, senão o da hiância, onde a disparidade de um Real está alojada sem estar integrada, transmitindo sem ser captada. Assim, não há que se esperar do testemunho uma informação completa, uma vez que aquilo que nele se transmite são sempre modalidades da perda. Porém, não obstante uma perda, as vezes, surge nesses enunciados, a centelha da satisfação, que ocorre justamente quando no próprio texto 'sempre insuficiente por definição' o Outro chega a entender o que está mais além, chega a compreender justamente o oco do fracasso do dizer.[12]

2. A angustia, diz Lacan, é a tradução subjetiva do objeto a.[13] *Objeto a* que poderíamos aproximar do *Appensé*, menção feita na última aula do seminário do sintoma, uma espécie de *contra pensar*.[14] Um objeto *gegenwort (contra-palavra) como evocava Paul Celan*, que se articula com a proposta de Georges Bataille com seu conceito de Informe, ou seja, o objeto a encontraria seu "sentido" como um objeto que serve a desclassificar. Nesta mesma aula, Lacan menciona o Ossobjeto, onde fará a diferença entre letra e o significante, resgatando a função da escritura como intrusão. Utopia como escritura, como intrusa.[15] Todas as utopias tiveram a função de produzir textos ficcionais anacrônicos ao seu tempo, em um claro sentido provocador ao espírito critico adormecido de suas épocas.

[10] JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Atica, 1997, p. 85.
[11] Ibidem, p. 85.
[12] ANTELO, Raul. Subjetividade, Extimidade, op. cit., p. 56.
[13] LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre X: L'angoisse*, op. cit.
[14] Idem, *Le séminaire, livre XXIII: Le sinthome*. Paris: Seuil, 2005, p. 155.
[15] Ibidem, p. 145.

Para Antelo que busca com rigor estes estados anacrônicos

> [...] mais do que trabalhar com a necrose, me interessava arrancar vida daquilo que aparentemente estava morto, através da imagem que se tem do outro. Ou seja, a questão seria como devolver potência a essa imagem, como fazê-la sair do lugar, da via morta, cujo caminho não a conduz a lugar nenhum.[16]

3. As utopias, como o objeto a, apontam um não lugar. Como a página em branco que evoca Giorgio Agambem ao falar de Herman Melville e seu "Bartleby" em um belo ensaio que escreve sobre contingência. Menciona um precedente notável da página branca, ao recordar que Aristóteles comparou o entendimento ou o pensamento em potência com uma tabuleta de escrita onde ainda não há nada escrito.[17] Utopia como causa, como causa de desejo mas que não diz de seu objeto. Objeto causa do desejo que barra o sujeito, criando assim esta estranha criatura que se constitui por algo do qual lhe é interditado o acesso. Nesta tradição de inspiração utópica, o enigma não é o pensamento mas a potência do pensar, não propriamente a escrita, mas a folha em branco.

4. Outro hipótese importante é pensar o objeto a como *objeto sem idéia* e também como *objeto dejeto*. Temos que pensar este objeto sempre em queda, como o que "resiste a ser assimilado em uma função significante. Dejeto que resiste a "significantização" fundamento de todo sujeito de desejo.[18] Podemos ver aqui a riqueza de uma articulação política potente e que capturo na seguinte idéia que encontrei no seminário de Lacan *L'insu que sait de l'une- bévue s'aile à mourre*: "Seria ainda excessivo dizer que há real, porque dizê-lo é supor um sentido. O real que existe é ex-sistência."[19] Desenvolvi em outro texto uma aproximação deste pensamento com o que Antonio Negri desenvolve no seu perturbador *Poder constituinte* e que faria tão bem para tantos grupos e organizações. Como pensar um poder que se institui e se destitui a todo momento?[20]

---

[16] ANTELO, Raul. Subjetividade, Extimidade, op. cit., p. 283.

[17] "A mente é, então, não uma coisa, mas um ser de pura potência e a imagem da tabuinha de escrever, sobre a qual nada ainda está escrito, serve precisamente para representar o modo de ser uma pura potência. Toda a potência de ser ou de fazer qualquer coisa é, de fato, para Aristóteles, sempre também potência de não ser ou de não fazer." AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, escrita da potência*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008, p. 26.

[18] LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre X: L'angoisse*, op. cit., p. 204.

[19] Idem, Seminário XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre. No prelo. [1976-1977].

[20] Cf. SOUSA, Edson. *Uma invenção da utopia*. São Paulo: Lumme Editora, 2007.

Em 1960, o poeta Paul Celan encontrou em uma livraria de Paris uma coleção de ensaios sobre o judaísmo publicada em Praga em 1913. Este livro se chamava *The santification of the name*, de Hugo Bergmann. Celan que sobrevivera a um campo de concentração nazista e se suicidou aos 49 anos, sublinhou a seguinte frase do Talmud "Aquele que pronunciar o nome perderá a sua parte no mundo futuro." Russell Jacoby diz que este frase sintetiza um axioma dos utopistas iconoclastas, ou seja, sua resistência em representar o futuro. Mas, é preciso deixar claro, acrescenta ele, se o futuro desafia este saber dogmático, não desafia a esperança.[21]

Este parece ser o fio condutor da invenção lacaniana do objeto a, ou seja, introduzir uma desordem denunciando a falácia de nossa crença do encontro do objeto e, em certa medida, a falácia de toda relação de objeto. Roger Dadoun inspirado na teoria psicanalítica em seu impressionante ensaio *Utopia:a comovente racionalidade do inconsciente* vai inclusive pensar a utopia como formação do inconsciente. Neste sentido invertendo o vetor presente → futuro para presente → passado. Aqui sintoniza com a psicanálise no sentido de que o horizonte se localiza naquilo que podemos recriar em nossas ficções de origem.[22] Objeto a como obstáculo ao imaginário seja na direção centrípeta como entrave ao sentido, seja na direção centrífuga, como barreira ao espaço de visão, tal qual atesta o seu caráter não-especular.[23]

A lógica de construção de sentidos, arma o sintoma, que no plano do laço social tem como um dos nomes possíveis o de ideologia. Podemos aqui propor pensar a utopia como ato analítico, como corte, como principio esperança, utopia como critica, utopia como suspensão do tempo histórico.

O objeto a introduz fissura no discurso e faz frente às estruturas totalizantes. Portanto, objeto a e utopia, apontam para um não lugar. Não lugar que sustenta uma posição possível para o surgimento de sujeito. Diz Lacan que só há idéia do objeto a que por seus estilhaços.[24]

Para concluir, dois apontamentos, que mostram com precisão o mal estar que constitui todo sujeito. O primeiro é uma passagem lúcida onde Freud ajuda-nos a descolar o pensamento utópico de uma idéia simplificadora de fe-

[21] JACOBY, Russell. *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
[22] DADOUN, Roger. Utopie: l'émouvante rationalité de l'inconscient. In: BARBANTI, Roberto (Org.). *L'art au XXe siècle et l'utopie*. Paris: L'Harmattan, 2000, p. 34.
[23] LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre X: L'angoisse*, op. cit.
[24] Ibidem.

licidade. Se o principio do prazer é, em certa medida, nosso princípio esperança (Ernst Bloch), não podemos deduzir daí nenhuma garantia de felicidade.[25] Vejamos em Freud:

> [...] o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o inicio. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado: todas as normas do universo são-lhe contrarias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja "feliz" não se acha incluída no plano da "Criação".[26]

O segundo apontamento trata-se de uma reflexão precisa de Lacan sobre utopia. Tal passagem encontramos na aula do dia 23 de abril de 1969 no Seminário de *Um Outro ao outro*. Nesta aula Lacan está preocupado em indagar a relação entre forma e pensamento. Sua questão é como dar forma ao que escapa ao pensamento. Diz ele que o pensar se debate entre a norma e sua transgressão. Procurei mostrar, nesta brevíssima conversa com Antelo Lacaniano, o quanto o objeto a e a utopia funcionam como incisões transgressivas. Ele é rigoroso na busca de um pensamento que recupere esta força transgressiva. Certamente sempre foi esta a busca dos utopistas: um *pensar contra*. Escreve Lacan:

> É lá que a função de pensamento pode tomar algum sentido ao introduzir a noção de liberdade[27] Para dizer de forma radical, é o *pensamento da utopia* [28] que, como seu nome enuncia, é um lugar de lugar nenhum, de não lugar, é a partir da utopia que o pensamento será livre para desenhar uma reforma possível na norma. Foi assim que na história do pensamento, de Platão a Thomas Morus, as coisas foram apresentadas. Em relação a norma, do lado do real onde ela se estabelece, é somente no campo da utopia que pode se exercer a liberdade de pensamento.

[25] BLOCH, Ernst. *Le Principe Espérance*. Paris: Gallimard, 1976.
[26] FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, Imago, 1980 [1930], p. 94-95.
[27] Lacan esta se referindo aqui a força transgressiva do pensamento.
[28] LACAN, Jacques. *D'um Autre à l'autre*. Paris: Seuil, 2006, p. 268. [Grifo nosso].

Recebido em 14 de junho de 2018
Aceito em 15 de setembro de 2018